

O *De ideis* de Santo Agostinho: alguns temas agostinianos e suas relações com a tradição platônica*

Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento**

Introdução: porque retomar o estudo de *De ideis*

É um fato bem estabelecido a influência do platonismo sobre Santo Agostinho. Talvez o pensamento deste último seja incompreensível se não se levar em conta esta influência, cuja importância foi reconhecida pelo próprio santo¹. Doutra parte, sabe-se de toda a importância que teve Agostinho para o pensamento Ocidental durante a Idade Média e mesmo depois desta época. Se sua renomada conheceu um período de esquecimento, ela encontra uma renovação de audiência junto a certos filósofos e eruditos contemporâneos.

Parece-nos que é no cruzamento destas duas direções que pode-se situar uma pequena questão do *De diversis quaestionibus LXXXIII*. Com efeito, a Questão 46, "*De ideis*"², é um dos textos onde a influência platônica aparece da forma mais clara. Por outro lado, teve uma longa repercussão suscitando toda uma literatura estreitamente ligada a ela³.

* "*Le De ideis* de S. Augustin: quelques thèmes augustiniens et leurs rapports avec la tradition platonicienne". Tradução de J. C. Estêvão.

** Professor do Departamento de Filosofia da UNICAMP.

Portanto, vale a pena retomar a análise desta questão, não, certamente, na esperança de dizer qualquer coisa nova⁴, mas para fazer por si próprio a experiência do pensamento agostiniano⁵.

I. A definição das idéias e o seu conhecimento

O procedimento da questão nos parece muito claro: após algumas considerações sobre a origem do termo “idéia” (*De ideis*, 1), o nº 2 inicia-se pelas traduções latinas possíveis desta palavra grega.

Em seguida vem a descrição da natureza das idéias, de suas propriedades e de suas funções e do modo de conhecê-las. Depois, num longo desenvolvimento, Agostinho estabelece o que se poderia chamar de as bases racionais de tudo o que acabou de ser dito.

Deixando de lado a questão do vocabulário (nº 1 e início do nº 2), nos ateremos, seguindo Agostinho, à análise da própria realidade (nº 2), que é o que mais importa:

*rem videamus, quae maxime consideranda atque noscenda est, in potestate constitutis vocabulis, ut quod volet quisque, appelet rem quam cognoverit*⁶.

As idéias são caracterizadas como certas formas principais ou razões das coisas:

*Sunt namque ideae principales formae quaedam, vel rationes rerum*⁷.

Se aproximarmos esta definição do que é dito da função das idéias, algumas linhas depois, o pensamento torna-se claro. Com efeito, diz:

*Et cum ipsae neque orientur, neque intereant*⁸; *secundum eas tamen formari dicitur omne quod oriri et interire potest, et omne quod oritur et interit.*

As idéias são, pois, os arquétipos ou modelos segundo os quais todas as coisas são formadas. Pode-se, assim, interpretar o adjetivo *principales* que qualifica *formae* por oposição, não a “secundárias”, mas a “derivadas”. As idéias são formas principais, não tanto porque elas sejam as formas mais importantes, mas sobretudo porque elas são as fontes, os princípios de onde provêm todas as coisas⁹.

Elas são subtraídas ao devir e, portanto, eternas:

Et cum ipsae neque orientur, neque intereant.

É esta característica que mais parece impressionar Agostinho. A própria abundância de sinônimos utilizada para descrevê-la mostra a importância que lhe é atribuída:

Stabiles atque incommutabiles, quae ipsae formatae non sunt, ac per hoc aeternae ac semper eodem modo sese habentes.

O lugar de existência das idéias é indicado por uma simples frase: *quae in divina intelligentia continentur*.

Tendo assim caracterizado as idéias, passa-se ao conhecimento delas. O ato pelo qual são conhecidas é apresentado como uma intuição (*intueri*) ou uma visão (*visio, videre*). Este ato vem à alma racional ou, com mais precisão, à “faculdade que faz a sua excelência, isto é, a própria inteligência (*mens*) e a razão (*ratio*), como por sua face ou seu olhar interior e de ordem intelectual”; mais precisamente ainda, à alma “que seja santa e pura [...] que tenha aquele olho com o qual se vêem estas coisas, em santidade, pureza e serenidade e semelhante aos objetos que ela pretende contemplar”.

II. As bases racionais da posição agostiniana

Passando ao que havíamos chamado as bases racionais do ensinamento agostiniano sobre as idéias, podem-se ressaltar os seguintes pontos:

1. Todo homem religioso e imbuído da verdadeira religião admitirá, sem dúvida, como dados:

a) que tudo o que é, tudo o que se encontra fixado no seu gênero por uma natureza própria, para existir, foi criado por Deus criador;

b) que é por sua causalidade que vive tudo aquilo que vive;

c) que a integralidade universal das coisas e a própria ordem segundo a qual as coisas sujeitas à modificação executam seus ciclos periódicos de acordo com uma lei definida, são mantidas e dirigidas pelas disposições de um Deus altíssimo.

Admitido isto, quem ousará dizer que Deus tudo constituiu fora de toda razão? Não resta, pois, nada a dizer senão que tudo foi constituído segundo a razão. Pode-se mesmo precisar que cada coisa foi criada segundo uma razão própria, porque seria absurdo dizer que o homem e o cavalo foram criados segundo a mesma razão. Quanto, pois, à existência das idéias e à sua função:

[...] *sunt ideae* [...] *quarum participatione fit ut sit quidquid est, quoquomodo est*¹⁰.

2. Que as idéias estejam na própria inteligência do Criador, é fácil de estabelecer se considerar-se que seria ímpio e blasfematório sustentar que Deus considera qualquer coisa exterior a ele como modelo daquilo que criou.

3. Se as idéias são postas na inteligência divina, decorre daí que elas são eternas e imutáveis porque nesta inteligência não pode haver nada que não seja eterno e imutável. Se elas são eternas e imutáveis, elas são, pois, verdadeiras (*ipsae verae sunt*)¹¹.

4. Entre as coisas criadas, a mais digna é a alma; tanto quanto ela é pura, mais se aproxima de Deus e na medida em que ela se une a ele pela caridade, é penetrada e esclarecida por ele com luz inteligível. Isto lhe permite mediante sua inteligência (o que ela tem de mais importante e excelente em si), contemplar as idéias e encontrar a beatitude. Isto não é fácil: é concedido a muitos chamar as idéias como quiserem, mas a muito poucos contemplar sua verdade¹².

Conclusão

Até aqui, apenas expusemos as articulações lógicas do texto da *Quaestio De ideis*. Para levar mais a fundo a análise, seria preciso que nos engajássemos nos mais árduos problemas do agostinismo, tais como a natureza de Deus, a criação, a iluminação intelectual. Para melhor compreender as posições tomadas por Agostinho, seria preciso, sem dúvida, explorar suas dívidas para com a tradição platônica que o precedeu¹³, sem esquecer de situá-lo em relação àqueles que o seguiram¹⁴. Tarefa intelectual que supera de muito as dimensões deste simples exercício e que preencheria, como diz Grabmann, um trabalho de dimensões consideráveis¹⁵.

Que nos contentemos, à maneira de conclusão, em enfeixar algumas das características do pensamento agostiniano, tais como se depreendem deste texto, assim como sua dependência da tradição platônica.

Em primeiro lugar, é preciso assinalar a admissão das idéias, não como representações mentais, mas como objetos de pensamento preexistentes ao pensamento humano e arquétipos de todas as realidades criadas. Para Meyerhoff¹⁶, a “doutrina das idéias”, seja qual for sua forma, constitui uma parte dos ensinamentos autênticos de Platão. Mas discute-se muito para saber justamente qual seria esta forma da “doutrina das idéias” em Platão. Em todo caso, a tradição platônica, aqui testemunhada por Agostinho, reteve que para ele há idéias constituindo o mundo inteligível, distinto do mundo das coisas materiais e visíveis. Estas últimas não são senão uma cópia das ideais de que participam. O ser e a verdade residem, pois, no mundo das idéias.

Quanto à localização das idéias no pensamento divino, os platonizantes são geralmente reticentes. Assinala-se, sem dúvida, a posição singular da idéia de Bem na *República* (VI, 508-509) e o papel do Demiurgo no *Timeu* (28-30), mas parece que é preciso esperar Filão para haver claramente a identificação do conjunto das idéias com o pensamento divino, identificação que encontra-se também nos

alexandrinos cristãos (Clemente, Orígenes, Hipólito)¹⁷ e que se impõe a eles enquanto cristãos. Sustentar que Deus dependa de um modelo exterior no ato criador seria impiedade, para retomar as próprias palavras de Santo Agostinho.

Assinalamos por duas vezes a importância que Agostinho atribui à estabilidade, à imutabilidade e à eternidade das idéias. Ele reserva para elas os “atributos reais” do mundo inteligível platônico e funda estas características no próprio Ser divino, onde as idéias existem¹⁸. Pode-se ressaltar, por contraste, a mutabilidade de tudo aquilo que, criado, participa das idéias. Entre estas coisas encontra-se o homem, este ser infeliz e doente, incapaz de se sustentar, às voltas com a dúvida e sem morada estável aqui em baixo.

Mas é no próprio interior desta inquietude e desta dúvida que brota a aspiração da estabilidade e da certeza¹⁹. O homem, na sua melhor parte, a alma, é este tipo de horizonte, posto entre o mundo visível e o invisível. Agostinho recorre agora à metáfora das duas faces da alma, uma voltada para os cuidados cotidianos e a outra para as coisas eternas. Se a alma souber se recolher nela própria e voltar seu olho interior para as realidades superiores, encontrará ali a beatitude e o repouso.

Tocamos aqui um problema que “desafiou a sagacidade de muitas gerações de historiadores”²⁰. Ao falar de intuição, de visão e de iluminação a propósito do conhecimento das realidades superiores, Santo Agostinho emprega, sem dúvida, metáforas do sentido da visão. Não se pode levar estas metáforas além da medida. Parece, contudo, verdadeiro dizer que no conhecimento somos obrigados a tomar o caminho das coisas sensíveis. Mas já no primeiro degrau, a sensação tem alguma coisa que vai além dos corpos. Ela é um fenômeno da alma, é a atenção que esta dedica às mudanças do corpo. No entanto, assim como os corpos não dão origem à sensação, constituindo apenas sua ocasião, ela também não produz o pensamento. Este último brota na alma como uma fagulha e nesta intuição tocamos o próprio Deus, fundamento de toda verdade e sol dos espíritos.

Inútil repetir que Santo Agostinho visa com o aspecto complementar da similitude entre o conhecente e o conhecido um tipo de percepção mais do que intelectual e que no seu auge somente pode ser obtido mediante a graça e a caridade²¹.

Devemos nos deter aqui. Assim fazendo, cremos ao menos haver percebido, após este contato rápido com a *Quaestio De ideis*, que este texto tão curto nos fornece alguns dos temas centrais do pensamento agostiniano, assim como nos mostra claramente seu caráter platônico.

Notas

- 1 - *Confissões*, VII, ix.
- 2 - Texto e tradução neste número, pp. 6-11.
- 3 - É o que diz Grabmann falando de uma maneira mais geral da teoria das idéias de Agostinho: *Die Ideenlehre Augustins ist geschichtlich gleich interessant, ob man nach rückwärts schauend sie zur platonischen und neuplatonischen Philosophie in Beziehung bringt und die Wurzeln des augustinischen Denken in der antiken Philosophie aufzeigt oder ob man ihre Nachwirkung in mittelalterlichen Scholastik, besonders in den Hauptströmungen des Augustinismus und Aristotelismus in der Hochscholastik verfolgt und die Fülle von Anregungen, welche hier augustinische Texte und Gedanken gegeben haben, sich vergegenwärtigt* ("Des heiligen Augustinus *Quaestio De ideis* (*De diversis quaestionibus LXXXIII*, Q. 46) in ihrer inhaltlichen Bedeutung und mittelalterlichen Weiterwirkung", *Mittelalterliches Geistesleben*, München, 1936, II: 25 [Artigo traduzido neste número, pp. 29-41]). Grabmann faz uma sinopse da literatura medieval sucitada pela *Quaestio De ideis*: op. cit. pp. 31-34.
- 4 - A bibliografia a respeito é extremamente abundante. Cf. *Œuvres de Saint Augustin, 10, 1e série: opuscules, X., Mélanges doctrinaux*. Bibliothèque Augustinienne. Paris, Desclée de Brouwer, 1952, pp. 723-724, n. 39.

- 5 - Poder-se-ia invocar aqui a fábula, contada por Chesterton no início de seu livro *Orthodoxy*, sobre o indivíduo que desembarca na velha Inglaterra crendo haver descoberto uma nova ilha nos mares do Sul.
- 6 - “De diversis quaestionibus LXXXIII”, texte de l’edition bénédictine, traduction et notes par J. A. Beckaert, in *Œuvres de Saint Augustin, 10, 1e série: opuscules, X, Mélanges doctrinaux*. Bibliothèque Augustinienne. Paris, Desclée de Brouwer, 1952.
- 7 - Mais à frente, Agostinho nos fornece uma outra expressão semelhante: *has rerum rationes principales appellat ideas Plato*.
- 8 - Notar o paralelismo entre esta expressão e uma outra anterior: *quae ipsae formatae non sunt*.
- 9 - Cf. Cayré, F., *Initiation à la philosophie de Saint Augustin*. Paris, Desclée de Brouwer, 1947, p. 196.
- 10 - Nas *Retratações* (I, iii, 2), corrigindo o *De ordine* (I, xi, 32), Agostinho nos fornece um raciocínio semelhante.
- 11 - Lembramos, acima, que S. Agostinho insiste muito sobre a imutabilidade e eternidade das idéias. Aqui ele funda esta eternidade no fato que elas são postas na inteligência divina. Pode-se dizer, pois, que gozam da propriedade que caracteriza para ele o Ser divino: *Le “Celui qui est” de l’Exode [... signifie] “Celui qui est immuable”, il est [...] l’Être parce qu’il est l’immuabilité* (Gilson, E., *La philosophie au moyen âge*. Paris, Payot, 19622: p. 130).
- 12 - Agostinho, sem dúvida, fala aqui de um conhecimento perfeito que não é unicamente de ordem intelectual ou antes racional e que implica algum tipo de conaturalidade entre aquele que conhece e o conhecido. Todo o desenvolvimento precedente (bases racionais) nos fornece um certo conhecimento das idéias, mais não ainda o verdadeiro conhecimento.
- 13 - Cf., para algumas notas úteis a respeito, Meyerhoff, H., “On the Platonism of St. Augustine, *Quaestio de ideis*”, NS, 1942, 16: 16-45.
- 14 - Cf. Grabmann, op. cit.
- 15 - *Eine solche historische Gesamtwürdigung der augustinischen Ideenlehre würde eine umfangreiches Werk ausfüllen*. Id., loc. cit.
- 16 - Op. cit., pp. 21-22.
- 17 - Cf. *Mélanges doctrinaux*, op. cit., pp. 726-727, n. 44. Cf., também, Cayré, op. cit., pp. 198-202.
- 18 - Em toda a tradição platônica estes atributos estão ligados, em primeiro lugar, aos objetos matemáticos e juízos de valor morais e estéticos. O próprio Santo Agostinho, que não era particularmente dotado para as matemáticas, apelou a considerações desta ordem para mostrar o caráter

absoluto da verdade (*De lib. arbit.*, II, viii). Cf. Meyerhoff, op. cit., pp. 22-23; p. 38.

- 19 - Sobre a certeza, cf. *De trin.*, X, x, n. 14. Sobre a aspiração de estabilidade, lembre-se a famosa frase do início das *Confissões*: [...] *fecisti nos ad te et inquietum est cor nostrum donec requiescat in te.*
- 20 - Gilson, E., *Introduction à l'étude de saint Augustin*. Paris, J. Vrin, 1943: p. 115.
- 21 - Para o contexto platônico, cf. Meyerhoff, op. cit., pp. 26-32; pp. 41-44. Cayré (op. cit., pp. 209-24) apresenta uma boa exposição dos problemas decorrentes da teoria agostiniana do conhecimento e propõe uma síntese.